
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



Revista Cocar V.13. N. 27. Set./Dez./ 2019 p.50-67

ISSN: 2237-0315

Cultura amazônica e educação: os brinquedos de miriti no currículo prescrito

Curriculum, toys and Amazon culture: the toys of miriti

Marcio Antonio Raiol dos Santos
Universidade Federal do Pará - UFPA

Humberto de Jesus Caldas Pereira

Secretaria Municipal de Educação de Belém /PA – SEMEC-PA

Rafael Bittencourt de Lima

Universidade do Estado do Pará – UEPA

Belém-Pará-Brasil

Resumo

Objetiva analisar de que modo os brinquedos de miriti, artefato rico em sentido e importante elemento da cultura Amazônica, se apresentam no currículo prescrito da Educação Básica na Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC/PA) e nas 50 Secretarias Municipais de Educação (SEMEC's) que compõem o nordeste paraense. É uma pesquisa bibliográfica e documental firmada na abordagem qualitativa. As fontes de captação de documentos são os sites oficiais das SEMEC's e SEDUC. Entre os resultados, evidencia que os brinquedos de miriti não estão presentes no currículo prescrito da SEDUC e das SEMEC's investigadas, indicando que o modelo de educação formal vigente no contexto social alcançado por tais estruturas governamentais ainda está centrado no currículo colonizado, fato que secundariza instrumentos lúdicos significativos na cultura amazônica. Isso minimiza a possibilidade de valorização dos saberes populares, enfraquecendo a construção de bases identitárias de um povo, assim como a resistência desses diante da cultura dominante.

Palavras-chave: Currículo. Cultura. Brinquedo de miriti.

Abstract

The aim of this article is to verify how the toys of miriti (rich artifact of sense and important element of the Amazon culture) are presented in the curricular matrices of the Basic Education of the 50 cities of the northeast of Pará and the State Secretariat of Education of Pará, Brazil. This text presents qualitative approach using bibliographical and documentary research. The bibliographical research is centered in the studies directed to the field of playfulness (toy), culture and curriculum. The documentary research turned to the analysis of the official websites of the Education Departments of these municipalities and of the state of Pará, analyzing 23 websites that presented the criteria required by the research. It concludes that the toy of miriti is not present in the curricular matrices of the 23 cities from the northeast of Pará, highlighting the absence in the cities of Abaetetuba (creator and main constructor of such artifacts - toys) and Belém, capital of Pará (linked to the emergence and consolidation of miriti toy in the Amazonian culture – in Pará and in Brazil), and that 28 municipalities do not provide by electronic means any information about the educational actions of municipal executive branch.

Keywords: Culture. Curriculum. Miriti toys.

Introdução

Cada cultura possui brinquedos, imagens, currículos (formais ou não formais) e outros elementos significativos à formação humana, frutos do processo histórico e plural que constitui a sociedade. É de posse desses instrumentos que a criança e outros sujeitos podem se expressar e, com base nelas, captar e entender outras produções culturais.

Dessa forma, é essencial que a criança amazônica possua contato íntimo com os elementos de sua cultura para entender melhor o local onde vive – geografia, clima, fauna, religiosidade, alimentação, contexto social – para que possa conhecer outras culturas. É nesse momento que o brinquedo de miritiⁱ, sendo expressão cultural genuinamente amazônica, pode colaborar significativamente na educação escolar. Conforme Lobato, Pinheiro e Ribeiro (2015, p. 343), tal inclusão é válida “não só para conhecer e/ou valorizar a cultura local, mas para problematizá-la e historicizá-la por meio do currículo como política cultural”.

Neste sentido, objetivamos verificar se o brinquedo de miriti, artefato rico em simbolismos (sociais, culturais, ecológicos, religiosos, folclóricos, entre outros) da cultura amazônica está inserido nas matrizes curriculares da Educação Básica dos 50 municípios do nordeste paraense e na matriz curricular da Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC/PA). Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental através dos sites oficiais das Secretarias Municipais de Educação (SEMEC's) dos municípios que compõem o nordeste paraense e no site da SEDUC, totalizando inicialmente 51 secretarias, das quais apenas 23 possuem sites; em 28 SEMEC's, não realizamos tal análise pela inexistência desse meio de comunicação. A escolha da mesorregião nordeste do estado do Pará se deu por essa circunscrever o *locus* geográfico de origem, consolidação e difusão de tais artefatos culturais.

No entanto, pudemos constatar que o brinquedo de miriti não está presente nas matrizes curriculares disponíveis nos sites das 23 secretarias investigadas, nem mesmo no site da SEMEC de Abaetetuba, que, sendo o município criador e construtor dos brinquedos, não o valoriza no currículo escolar. A pesquisa etnográfica de Lobato, Pinheiro e Ribeiro (2015, p. 358) corrobora os dados de nossa investigação ao assegurar

que “a SEMEC de Abaetetuba, apesar de algumas iniciativas relativas a oficinas e formação de professores, ainda não iniciou o debate sobre a inclusão dessa tradição no currículo oficial”.

Acreditamos na necessidade de redimensionar o currículo buscando garantir espaços, tanto para a cultura nacional e mundial, quanto a cultura local. Haja vista que o ensino e aprendizagem, permeados pelos Brinquedos de Miriti, são culturalmente relevantes aos sujeitos da Escola Básica, ao passo que, não apenas enaltecem e valorizam as tradições, mas “ajuda a refletir e problematizar a cultura e a história do município” (LOBATO; PINHEIRO; RIBEIRO, 2015, p. 358). Com isso, poderá ocorrer o redimensionamento do currículo, pois será instigada uma relação de afeto com elementos culturais, o que pode despertar interesse e aproximação aos significados da cultura ribeirinha e em geral da cultura Amazônica.

Lúdico e brinqueço na educação

É importante entender que “lúdico”, conforme pesquisa de Morel (2003, p. 6) é um termo oriundo da palavra latina “*ludus*”, ou “*ludos*”, que significa “jogo”. A autora afirma também que daí surge a “ludicidade”, uma junção das palavras “lúdico” e “idade”, no intuito de denominar a idade da brincadeira e do jogo. De outro modo, Luckesi (2014, p. 13-18) entende que “ludicidade” não é jogo ou brincadeira, “é um sentimento interno de alegria e prazer em cada sujeito, [...] e pode se fazer presente em todas as fases da vida”.

Para enriquecer seu argumento, esse autor apresenta o seguinte exemplo: “uma criança que, por alguma razão biográfica (psicológica), não gosta de pular corda; essa atividade, além de incômoda, será chata para ela, e, pois, sem nenhuma ludicidade” (LUCKESI, 2014, p. 14). Sendo assim, esse autor conclui que “não existem atividades que, por si, sejam lúdicas. Existem atividades. Ponto. Elas serão qualificadas como lúdicas ou não a depender do sujeito que as vivencia” (LUCKESI, 2014, p. 16).

Salomão e Martini (2007, p. 4) concordam com Luckesi (2014) ao defenderem que a ludicidade “é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão”. Assim sendo, acreditamos que os brinquedos de miriti ao constituírem relação direta com a educação formal, sendo estes um material instigante

que pode possibilitar a fruição prazerosa do imaginário infantil (KISHIMOTO, 2008), podem ser instrumentos a suscitar a “justiça curricular”ⁱⁱ (SANTOMÉ, 2013, p. 9) e, o “pensar” para além da cultura mercadológica. Na opinião de Santin (2001, p. 20), isso é ludicidade, pois é uma forma de “resistência à cultura do rendimento, do resultado e do lucro”, que tanto afasta o sentimento de prazer das atividades escolares, fortalece a exclusão social e a “lógica da dominação” (OLIVEIRA, 2003, p. 16).

Ao acompanharmos o raciocínio de Brougère (2010, p. 8) em que os brinquedos dispõem de uma diversidade de valores culturais, fruto de um conjunto de ações históricas que geram significados e permitem compreender outras sociedades e culturas, inferimos que a infância é um período em que o ser humano muito se desenvolve culturalmente, visto que os brinquedos e as brincadeiras fazem parte da rotina diária, o que possibilita “aquisição, resignificação e reelaboração da cultura pelas crianças” (BORBA, 2006, p. 12).

Essa é outra perspectiva pertinente com que se deve olhar o brinquedo de miriti, como instrumento cultural produzido pelo homem em uma “sociedade multidimensional” (MORIN, 2000, p. 38), propícia à construção, desconstrução e reelaboração de conhecimentos dos diversos aspectos humanos, a saber, “biológico, psíquico, social, afetivo e racional” (MORIN, 2000, p. 38). Em face dessa complexidade cultural, acreditamos na possibilidade de que a inclusão dos brinquedos de miriti nos currículos escolares da educação básica, auxiliem educadoras(es), pais, pesquisadoras(es) a pensar no “uso total da inteligência geral, este uso total, pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência” (MORIN, 2000, p. 39).

Essa aproximação curricular com uma temática da realidade cotidiana dos educandos, na opinião de Santomé (2013, p. 10), poderá influenciar positivamente na relação escolar daqueles “estudantes que se sentem estranhos a cada dia do ano letivo, pois não encontra alguém na escola que fale das coisas que acontecem no seu bairro, das razões pelas quais sua vida é do jeito que é, e porque não é melhor”. Caracterizando assim o ambiente escolar como “não lúdico”, pois não está proporcionando o “estado interno de bem-estar, alegria, prazer e plenitude” (LUCKESI, 2014, p. 13-19).

Corroborando tais ideias, entendemos que, ao incluir os Brinquedos de Miriti nas atividades escolares, a escola não aproxima apenas os estudantes, mas, também, valoriza a comunidade da qual são membros. Dessa forma, inicia-se a mobilização a pensar na construção de uma educação que forme seres vinculados socialmente e o repensar do modelo educativo vigente que está rompendo laços sociais e formando “pessoas sem raízes ou tradições culturais” (SANTOMÉ, 2013, p. 10).

Em síntese, isso se faz relevante quando reconhecemos que vivemos em uma “sociedade multidimensional” (MORIN, 2000, p. 38), em “um mundo complexo de distintas culturas” (SANTOMÉ, 2013, p. 11), que precisa cada vez mais de sujeitos com “ampla bagagem cultural que lhes facilite entender como é o mundo atual, e ajude à autonomia e liberdade de pensamento a que cada ser humano tem direito” (SANTOMÉ, 2013, p. 12). O respeito a tais direitos pode viabilizar uma escola, comunidade e sociedade mais “lúdica”.

Brinquedos de miriti: um mergulho na cultura amazônica

O brinquedo de miriti tem como matéria-prima a folha de uma palmeira, regionalmente chamada de miritizeiro (*Mauritia flexuosa*)ⁱⁱⁱ. Essa palmeira é utilizada também de outras formas: seu fruto serve de alimento (suco, doce, picolé, mingau, entre outros). A extremidade das folhas mais novas, denominadas de “broto”, é utilizada na produção artesanal de tapetes, bolsas, sacolas, bijuterias e outros objetos. Seu caule, por flutuar na água, serve de ponte ou trapiche aos ribeirinhos. Portanto, é uma árvore utilizada de diversas formas. Loureiro e Oliveira (2012, p. 15) reforçam tal ideia ao esclarecerem que ela serve de “meio de subsistência, cestaria, material de artesanato, complemento na construção de habitações, fruto de agradável sabor, com inúmeras possibilidades”.

O brinquedo de miriti passou a ser nacional e internacionalmente conhecido a partir de seu vínculo com o Círio de Nazaré^{iv}. Tal relação, conforme Moraes (1987), ocorreu no primeiro Círio, realizado em 1793, onde houve a Feira de Produtos Regionais da Lavoura e da Indústria. Para essa feira, cada vila ou cidade do interior do estado do Pará enviou produtos como cacau, baunilha, guaraná, mandioca, arroz, cerâmica, tabaco, redes de pesca, pirarucu salgado, cesto, esteira e outros bens. Dentre esses, estavam os

brinquedos de miriti, feitos no município de Abaetetuba, o qual, de acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), é o principal polo de produção desses brinquedos no Pará.

Abaetetuba é uma cidade ribeirinha do Pará, localizada na região nordeste, banhada pelo rio Maratauíra (afluente do Rio Tocantins), distante 54 km em linha reta de Belém, a capital do Pará (INPE, 2016). Esse município possui uma beleza natural, própria do interior amazônico, beleza que pode ser vista no ir e vir das marés, que percorrem os inúmeros rios, igarapés e furos^v que rodeiam e submergem algumas ilhas (SILVA, 2012).

Outro destaque relevante, com base em pesquisas de Silva (2012), é que o miriti sempre foi utilizado por crianças da região de Abaetetuba que faziam seus brinquedos (pequenas montarias^{vi} e vigilengas^{vii}) para usar em competições nos rios, igarapés e furos. A observação de Loureiro e Oliveira (2012, p. 4) esclarece que os Brinquedos de Miriti “são inspirados na natureza e estilizados em situações recriadas”. Santos e Silva (2012, p. 64) entendem que essas recriações se caracterizam como artesanato e expressam valores culturais, tanto é que essas produções já foram tombadas como Patrimônio Histórico Cultural, de origem imaterial, pelo Governo Estadual do Pará, em 30 de junho de 2010, pela Lei 7.433/2010.

Diante de tal significância dos brinquedos de miriti, defendemos que a escola como uma das principais agências sociais de conhecimento, valorize, preserve e disponibilize por meio de seu currículo, atividades que envolvam os valores culturais presentes nessas produções artesanais. Haja vista que, numa instituição pública “comprometida com a justiça curricular” e com uma “educação que gere otimismo no presente e perante o futuro”, os estudantes não podem “abandonar suas identidades culturais para aprender, mas os(as) professores(as) devem considerar isso como um ‘ponto de partida’ para a construção e remodelação de novos conhecimentos” (SANTOMÉ, 2013, p. 12).

Currículo e cultura

Currículo e cultura são dois termos polissêmicos, com significados diversos, a depender do ângulo epistemológico que cada sujeito os analisa, do período sociohistórico, contexto político, econômico e cultural. Por exemplo, nos estudos de

Pacheco (2007, p. 48), o termo “currículo” é originário do latim *curriculum*, significa “lugar onde se corre ou corrida”, é derivado do verbo *currere*, quer dizer “percurso a ser seguido ou carreira”. Nessa linha de raciocínio, o currículo refere-se “a um curso a ser seguido, a um conteúdo a ser estudado” (PACHECO, 2007, p. 48).

Sob o olhar de Nereide Saviani (2008, p. 4), o currículo não se refere unicamente aos conteúdos: “o currículo é o resultado de uma construção social, consistindo em uma seleção de elementos culturais da sociedade”. Do ângulo de Pinar (2007, p. 40), o currículo ganha amplitude, é visto como “um processo multifacetado, envolvendo não só a política oficial, modelos prescritos, exames padronizados, mas também a ‘conversação complexa’ dos participantes”.

Pinar (2007, p. 43) avança nessas reflexões ao defender que “a teorização do currículo exige que a situemos histórica, social e autobiograficamente (isto é, em termos de história de vida e auto formação)”. Ele pontua também, que esse é “um campo complexo de investigação acadêmica, dentro do campo abrangente da educação, que se esforça para compreender o currículo através das disciplinas escolares e acadêmicas” (PINAR, 2007, p. 43).

Em face dessa complexidade do debate curricular no âmbito da educação, concebendo a escola como local oficial de formação, acreditamos que educar sujeitos que mantém contato diuturno com diferentes culturas, exige reflexões na escola acerca da cultura local. Não só como atração pedagógica visando respeitar os interesses dos(as) estudantes. Mas, sobretudo, para possibilitar esses sujeitos a conectarem suas experiências vividas na família, no bairro/comunidade com o conhecimento do currículo prescrito. Na visão de Pinar (2007, p. 43), isso poderá “encorajar o desenvolvimento intelectual e suas capacidades para o pensamento crítico”.

Para que haja reflexão consistente no âmbito escolar, é importante entender que a palavra “cultura” vem da raiz semântica latina *colore*, de significados diversos como “habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração” (WILLIAMS, 2007, p. 117). Brandão (2002, p. 16) esclarece que “cultura” é uma palavra “universal, mas um conceito científico nem sempre aceito por todos os que tentam decifrar o que seus processos e conteúdos querem significar”. Hall (1997, p. 1) corrobora dessa ideia ao inferir que o conceito de cultura dispõe de “amplo poder analítico e explicativo na teorização social”.

Em termos conceituais, Brandão (2002, p. 22) acredita que a cultura é “tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado”. Conforme esse autor, a cultura “não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis” (BRANDÃO, 2002, p. 24). A ideia de Cuche (2002, p. 203) é que “cultura” é utilizada de diferentes modos, é possível encontrar raciocínios que a concebem como “mentalidade”, “espírito”, “tradição” e “ideologia”.

Em meio à complexidade dos significados e a pretensão de aproximá-los do contexto educacional, vale atentar à proposição de Geertz (2008, p. 8), na qual “o que se deve perguntar a respeito da cultura não é qual o seu status ontológico, e sim, qual a sua importância, o que está sendo transmitido com a sua ocorrência”.

Nesse caso, discorreremos sobre a importância que a escola deve dar à inserção das produções que envolvem os brinquedos de miriti no currículo prescrito. Isso por ser um modo de valorizar a cultura de um povo, prestigiar suas profissões e incentivar reflexões diversas que possam gerar estados de bem-estar, alegria e prazer aos sujeitos aprendentes, seus familiares e à comunidade.

O entendimento de Brandão (2002, p. 18) reforça essa ideia, ao pautar que, por sermos “seres da natureza estamos alçados ao mundo da cultura que nós próprios criamos”. Então, na visão desse autor, uma das melhores formas para aprender algo, é participando ativamente das “vivências culturais”, independentemente dos locais, pois, ao estar incluso nesses eventos “cada um de nós se reinventa” (BRANDÃO, 2002, p. 25).

Outro aspecto importante que reforça a necessidade de inclusão dos brinquedos de miriti como produtos culturais no currículo escolar, seria o cumprimento do artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96, o qual discorre que os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, “a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos” (BRASIL, 1996, art. 26).

Além disso, comungamos com Hall (2003) ao defender que devemos interrogar os currículos presentes em grande parte das escolas, currículos esses que, em sua maioria, privilegiam os elementos advindos da cultura dominante. Ele entende que essa ação é necessária a fim de desordenar o que está ordenado pela cultura escolar

dominante, e tentar equilibrar com os elementos e conhecimentos oriundos das culturas subordinadas.

Em síntese, vimos que currículo e cultura são termos polissêmicos com debates complexos, e que estão entrelaçados nas experiências educacionais da história humana. Em virtude disso, quaisquer ações ou práticas sociais envolvem um “currículo” que advém de determinado ato cultural, logo, tais ações expressam significados positivos para alguns(as) e podem oprimir sentimentos de alegria e/ou prazer a outros(as). Dessa forma, reorganizar o currículo prescrito da escola, considerando em sua centralidade as diferentes culturas pode ser um passo significativo para ampliar as discussões em torno da “justiça curricular” (SANTOMÉ, 2013, p. 9).

Procedimentos metodológicos

Esse trabalho é uma pesquisa bibliográfica com análise documental, firmada na abordagem qualitativa. A vista disso, objetivamos “explicar um problema a partir de referências teóricas” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 60) em que consideramos “os documentos como material primordial” (PIMENTEL, 2001, p. 180) para “analisar casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais pela reflexividade do pesquisador” (FLICK, 2009, p. 23-37).

Então, nossos materiais de análise são documentos referentes ao currículo prescrito disponíveis nos *sites* das SEMEC’s dos municípios do nordeste paraense e da SEDUC/PA. Nesse material, visamos verificar de que modo o Brinquedo de Miriti se apresenta nas matrizes curriculares como elemento da Cultura Amazônica, em face disso, utilizamos como descritor de pesquisa “brinquedo de miriti”.

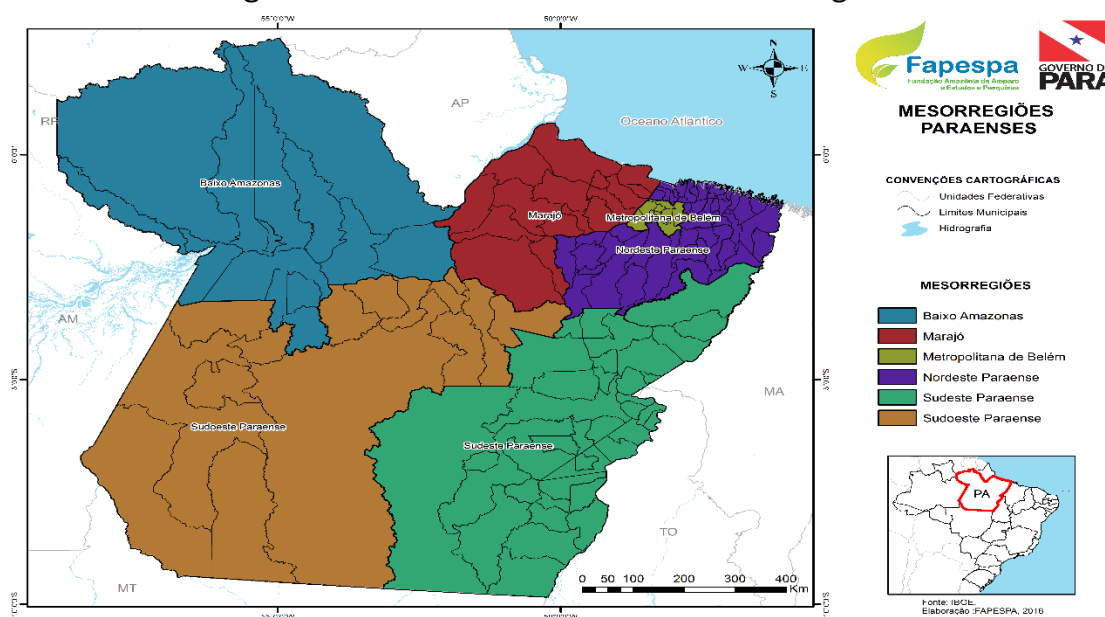
Contabilizamos que 50 municípios compõem a mesorregião nordeste do estado do Pará, logo, os *sites* das SEMEC’s desses municípios foram lidos na íntegra. Somando-se a esses o *site* da SEDUC, portanto, houve busca de dados em 51 endereços *online*. Desse total, constatamos que apenas 23 secretarias possuem *sites*, sendo 22 pertencentes a municípios e 01 ao estado.

A seguir, discorreremos mais detalhes sobre os dados.

Apresentação e análise dos dados

O Pará possui uma extensão territorial de 1.247.955,381 km², e está dividido em 144 municípios. Devido à grandeza de seu território, foi dividido em seis mesorregiões: Metropolitana, Nordeste do Pará, Marajó, Baixo Amazonas, Sudoeste Paraense e Sudeste Paraense. A mesorregião do Nordeste Paraense é formada pela união de 50 municípios agrupados em cinco microrregiões (Bragantina, Tocantina, Guamá, Salgado e de Tomé-Açu), conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 - Estado do Pará dividido em mesorregiões



Fonte: Fapespa (FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS DO PARÁ, 2019).

A mesorregião do Nordeste Paraense foi escolhida como *lócus* desta pesquisa por ser a principal fonte de construção, comercialização e maior repercussão social dos brinquedos de miriti. Tal mesorregião tem 2.329.88 (dois milhões trezentos e vinte nove mil e oitenta e oito) habitantes representando como PIB: R\$ 14.663,424 mil (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014, p. 03) destacando principalmente os municípios de Castanhal, Barcarena, Abaetetuba, Bragança e Capanema, por terem uma economia crescente na agropecuária, agroindústria, pesca, comércio, serviços e indústria de transformação de minérios, possuindo uma grande malha rodoviária em uma área: 83 074,047 km² dinamizando a economia local através do escoamento da produção (FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS DO PARÁ, 2019).

Abaetetuba também se configura como uma importante cidade do nordeste paraense pertencente à microrregião do Baixo Tocantins por demonstrar crescente fortalecimento no comércio e serviço local, sendo polo para outras cidades como Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru e outros da Região (SILVA, 2012). Além disso, é também município com produção cultural importante, com grande destaque às produções dos Brinquedos de Miriti (LOUREIRO; OLIVEIRA, 2012).

Mediante a pesquisa, observou-se que 28 dos 51 municípios não possuem site ou qualquer outro meio eletrônico para informação sobre as ações desenvolvidas em suas secretarias de educação ou documentos oficiais que possam ajudar a pensar a educação. Uma das justificativas dada a esse fato, atribuímos à não prioridade da educação básica, por parte do poder público municipal, no quesito informatização, isso tudo, por não representar à primeira vista um rendimento econômico palpável.

Eis uma contradição de discursos relativos à sociedade do século XXI, visto que, se propaga mundialmente como “sociedade global, aldeia global, sociedade pós-industrial, sociedade da informação, sociedade em rede, sociedade tecnológica, sociedade do conhecimento” (IJUIM; TELLAROLI, s. d., p. 1). Porém, no que se refere à divulgação de documentos curriculares da educação básica faltam evidências firmar tais sentenças.

Diante disso, alertamos as instituições organizativas da educação básica da mesorregião paraense, conseqüentemente as prefeituras desses municípios, para que repensem suas políticas de transparência das ações educativas, nesse caso, especificamente quanto à publicação de documentos curriculares. Porém, acreditamos que pesquisas de outras áreas de atuação queiram analisar outros documentos que interessam ao bem social.

Corroborando esse argumento, a obrigatoriedade definida pela Lei 12.527/2011 (Lei de Acesso à Informação), que exige dos órgãos públicos das esferas Municipais, Estaduais e Federais a disponibilização também pela internet, informações referentes às suas atividades que são financiadas pelo conjunto social e, por isso, é de interesse público (BRASIL, 2011).

Lembramos que já existem plataformas digitais que criam sites gratuitamente, inclusive, ensinam como usar e como fazer a divulgação de informação.

Entre outros recursos que o site pode apresentar destacamos: a quebra de barreiras geográficas, o relacionamento com a comunidade, a divulgação de propostas e o acesso à informação de maneira mais rápida.

Outra evidência dessa pesquisa é que, dos 51 sites investigados, 17 não possuem quaisquer informações sobre as SEMEC's; nestes sites, existe apenas informações sobre a prefeitura, tais como: portal de transparência, licitações, infraestrutura, entre outras. Este fato corrobora com a baixa colocação do estado do Pará no *ranking* de transparência e acesso à informação dos municípios brasileiros, conforme mostra a 3ª edição da Escala Brasil Transparente (EBT) (BRASIL, 2016).

Dos 79 municípios paraenses analisados pela EBT, apenas 4 obtiveram nota máxima (Jacareacanga, Paragominas, Portel e São Miguel do Guamá) em relação às questões de transparência pública. Destes, apenas São Miguel do Guamá faz parte da mesorregião do Nordeste do Pará. Entretanto, apesar desse município apresentar infraestrutura que facilita o acesso das redes de internet, no que compete às informações relacionadas ao currículo prescrito da educação básica, ainda carece de disponibilização virtual.

Na fase final da pesquisa, constatou-se que apenas 23 sites possuem informações sobre as SEMEC's, informações essas restritas a dias e horários de funcionamento, isso envolve 22 municipais e 01 estadual. Entretanto, tais informações não se referem a documentos do currículo prescrito que faça referência aos Brinquedos de Miriti. Desse modo, podemos afirmar que a cultura amazônica, através dos saberes populares dispostos nos brinquedos de miriti, está excluída ou é secundária dentre as ações educacionais das SEMEC's do Nordeste Paraense, fato que fortalece o currículo colonizado e prejudica a valorização de identidades regionais, a construção de outros saberes a partir destas e a mobilização por resistências diante da cultura elitista.

Esses resultados nos mostram que, embora os brinquedos de miriti sejam elementos representativos de parte do potencial cultural do nordeste paraense, tais atributos que podem contribuir para o enriquecimento histórico, intelectual e social, se são utilizados nos âmbitos escolares, ainda não estão sendo divulgados na rede mundial de computadores. Isso é relevante para que uma camada mais ampla da sociedade conheça as ações educacionais, divulgue e contribua no repensar de outras atividades.

Outros dados relevantes desta pesquisa envolve o município de Abaetetuba, o principal *lócus* de confecção e comercialização dos brinquedos de miriti, onde se esperava um resultado diferente dos outros municípios, porém, nenhum documento do currículo prescrito da educação básica foi encontrado no ambiente virtual da SEMEC. Quanto aos documentos curriculares da SEDUC, o resultado é idêntico aos já mencionados.

Ao atribuímos importância aos brinquedos de miriti como produtos culturais ricos de saberes populares, dos mais diversos aspectos humanos, defendemos que o currículo prescrito da educação básica da região nordeste paraense deve articular-se aos valores da cultura local. Já que, conforme Costa (1998), o currículo é um campo no qual se encontra uma infinidade de significados, há produção, circulação e consolidação de conhecimentos que constituem identidades e subjetividades.

Estudos de Silva (2012) revelam que os Brinquedos de Miriti estabelecem uma forma única de expressar e representar o universo ribeirinho amazônico. É um bem cultural que enriquece cada vez mais o povo da região Amazônica. Especificamente sobre Abaetetuba, Ribeiro (2015) lembra que os Brinquedos de Miriti representam dupla centralidade: economicamente, por garantir renda adicional às centenas de famílias que sobrevivem da venda desses objetos, e culturalmente, em razão de ancorar uma tradição bicentenária considerada como patrimônio cultural da humanidade.

Em face desses valores, é fundamental que as SEMEC's deem atenção aos brinquedos de miriti como instrumentos educativos que devem estar inclusos nos documentos do currículo prescrito da educação básica. Feito isso, é salutar a divulgação nos meios de comunicação das instituições responsáveis para que a sociedade tome conhecimento e possa contribuir através de estudos, pesquisas, opiniões e outras formas.

Considerações finais

Como vimos, os brinquedos de miriti não se fazem presentes nos portais de comunicação virtual das SEMEC's da mesorregião nordeste do Pará e nem da SEDUC. Isso nos leva a permanecer sem respostas à questão que norteou essa pesquisa, a saber, de

que modo os brinquedos de miriti se apresentam nas matrizes curriculares da educação básica dos 50 municípios do nordeste paraense e na matriz curricular da SEDUC.

Em contrapartida, os dados apurados suscitam outras questões substanciais que enriquecem nossas curiosidades sobre a temática, a saber: a) em alguma SEMEC do Nordeste Paraense e na SEDUC/Pa, há um currículo prescrito em que os brinquedos de miriti estão inclusos?; b) se há, por que não estão sendo divulgados nos ambientes virtuais dessas Secretarias de Educação? As escolas da educação básica, municipais e estaduais, tem conhecimento sobre esse currículo? Quais os valores atribuídos aos brinquedos de miriti pelas autoridades responsáveis pelas SEMEC's do Nordeste Paraense e SEDUC/PA?

Sem mais, concluímos que “o notável avanço da ciência e da tecnologia” (MORIN, 2000, p.7) ainda não reflete em avanços na divulgação de documentos curriculares da educação básica em portais das SEMEC's do nordeste paraense e SEDUC. Isso não diminui nossa convicção de que são valores culturais que estão à margem das políticas de informação e divulgação, e também podem não ser o foco das políticas curriculares da educação básica das secretarias em questão. Ao contrário, com esses achados, firmamos mais um passo em busca de outros conhecimentos importantes às metamorfoses da educação.

Referências

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BEAUCHAMP, J.; RANGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (Orgs.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: MEC/SEB, 2006. p. 33-45.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura** / Carlos Rodrigues Brandão. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

BRASIL. Controladoria Geral da União. **Ranking de transparência nos Municípios**. Brasília, DF: CGU, 2016. Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/noticias/2017/05/lei-de-acesso-a-informacao-avanca-em-estados-e-municipios-brasileiros>. Acesso em: 30 maio 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 1 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011.** Regula o acesso a informações [...]. Brasília, DF, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em: 25 nov. 2011.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COSTA, Marisa Vorraber. **A escola básica na virada do século: cultura, política e currículo** / Marisa Vorraber Costa (organizadora). – São Paulo: Cortez, 1998.

CUCHE, D. **O conceito de cultura nas ciências sociais.** Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS DO PARÁ. **Mapa mesorregiões do Pará.** [Belém, PA: FAPESPA, 2019]. Disponível em: http://www.fapespa.pa.gov.br/sistemas/anuario2017/mapas/territorio/ter3_mesorregioes_paraenses.png. Acesso em: 01 out. 2019.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GRAUS, Dicio. **Dicionário Online de Português,** c2019. Página inicial. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 22 mar. de 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade,** Porto Alegre, n. 2, v. 22, p .5, 1997. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf. Acesso em: 28 fev. 2019.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Relatório econômico.** Pará, 2014. Disponível em: <cidades.ibge.com.br>. Acesso em: dia 22 mar. de 2019.

IJUIM, J. K.; TELLAROLI, T. M. **Comunicação no mundo globalizado: tendências no século XXI.** [S. l.: s. n., s. d.].

INPE - INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. SGI 2.5 – **Sistema de Informações Geográficas – SGI.** Imagem Geosistemas Belém/Pa: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2016.

KISHIMOTO, M. T. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LOBATO, L. S.; PINHEIRO, D. P.; RIBEIRO, J. O. S. A tradição do brinquedo de miriti no currículo das escolas do município de Abaetetuba: iniciando o debate. **Revista Margens**

Interdisciplinar, v. 9, n. 12, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3093/3113>. Acesso em: 26 fev. 2019.

LOUREIRO, J. J. P.; OLIVEIRA, J. **Da cor do norte: brinquedos de miriti**. Tradução de Hamilton Moura Ribeiro. Fortaleza: Lumiar Comunicação e Consultoria, 2012.

LUCKESI, C. C. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://rigs.ufba.br/index.php/entreideias/article/viewFile/9168/8976>. Acesso em: 26 fev. 2019.

MIRITI – BURITI. In: DICIONÁRIO Michaeliz on-line. 2017. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?palavra=buriti&r=0&f=0&t=0>. Acesso em: 1 fev. 2017.

MORAIS, Luiz Carlos. **Aprendendo com o brinquedo popular na arte com o miriti: um estudo do brinquedo popular, através de seus elementos fundamentais aplicados na educação**. Belém: SECULT/FCPTN, 1989.

MOREL, Y. P. Educação e ludicidade. **Revista Laureate International Universities**, 2003. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48250506-Yolanda-pereira-morel-educacao-e-ludicidade.html>. Acesso em: 26 fev. 2019.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
OLIVEIRA, I. B. **Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PACHECO, M. M. D. R. **Currículo, interdisciplinaridade e organização dos processos de ensino**. [S. l.]: Fundação Hermínio Ometto; Uniararas, 2007.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p.179-195, nov. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a08n114.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2019.

PINAR, W. F. **O que é a teoria do currículo?** Tradução de Ana Paula Barros e Sandra Pinto. Portugal: Porto Editora, 2007. (Coleção Currículo, Políticas e Práticas)

RIBEIRO, J. O. S. **A tradução do brinquedo de miriti: intersecções de gênero e sexualidade**. [S. l.: .s. n., 2015]. [Produtor 2013-2015]

SALOMÃO, H. A. S.; MARTINI, M. **A importância do lúdico na Educação Infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado**. 2007. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf>. Acesso em: 26 set. 2016.

SANTIN, S. **Educação física: da alegria do lúdico a opressão do rendimento**. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

SANTOMÉ, J. T. **Currículo escolar e justiça social: o cavalo de tróia da educação.** Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, I. N. L.; SILVA, M. F. V. Saberes da tradição na produção de brinquedos de miriti – Patrimônio Cultural. **Educação Cultura e Sociedade**, Sinop, v. 2, n. 2, p. 63-77, jul./dez. 2012.

SAVIANI, N. **Currículo e trabalho pedagógico: prescrições políticas, prática negociada.** Texto referente à exposição na Oficina Temática do 10º Congresso do SINPRO Minas - Sindicato dos Professores de Minas Gerais, 31 de maio de 2008.

SILVA, C. S. Q. **Brinquedos de miriti: educação, identidade e saberes cotidianos.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, 2012.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade.** Tradução de Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

Notas

ⁱ Os brinquedos de miriti são feitos a partir uma fibra leve de uma palmeira nativa do Brasil, chamada de isopor da Amazônia. São fabricados há 200 anos no Pará, e seu maior polo de produção está localizado no município de Abaetetuba.

ⁱⁱ É o resultado da análise do currículo que é elaborado, colocado em ação, avaliado e investigado considerando o grau em que tudo aquilo que é decidido e feito em sala de aula respeita e atende às necessidades e urgências dos grupos sociais (SANTOMÉ, 2013, p. 9).

ⁱⁱⁱ *Mauritia flexuosa*, da família Palmae (Arecaceae), e subfamília lepidocarycidae. Encontrada frequentemente em regiões brejosas de várias formações vegetais, campo limpo, mata de galeria, vereda (LOUREIRO; OLIVEIRA, 2012). Tal palmeira também é conhecida por: buriti, meriti, miriti, moriti, muriti, muritim, muruti (MIRITI, 2017).

^{iv} O Círio de Nazaré é uma das mais antigas manifestações culturais do povo paraense. Ocorre todos os anos no segundo domingo de outubro e, apesar da Procissão Principal acontecer especificamente no segundo domingo do mês, a festa se mantém por um período de aproximadamente quinze dias, pois existem eventos complementares que prolongam o festejo (MORAIS, 1987).

^v Igarapés e furos são denominações utilizadas na Amazônia para designar cursos de água caracterizados por pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata. Braços estreitos de rios ou canais (SILVA, 2012).

^{vi} Denominação genérica para alguns tipos de barcos de pequeno porte, “canoas” (DICIO, 2019).

^{vii} Tipo de canoa de pesca, quase redonda, típica do estado do Pará (DICIO, 2019).

Sobre os autores

Marcio Antonio Raiol dos Santos

Professor Titular da UFPA - Doutor em Educação - Docente do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Educação Básica da UFPA / Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica (NEB). E-mail: marsraiol@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4723-1231>

Humberto de Jesus Caldas Pereira

Professor efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Belém /PA. Mestre em Currículo e Gestão da Escola Básica pela Universidade Federal do Pará / Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica (NEB). E-mail: hjcaldas@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6846-8775>

Rafael Bittencourt de Lima

Professor da rede privada de ensino. Mestrando em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. E-mail: rafael.letras2015@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1710-8803>

Recebido em: 10/07/2019

Aceito para publicação em: 30/07/2019